

Educação, diásporas e memórias: confluências a partir dos Tehêys de Pescaria do conhecimento de Dona Liça Pataxoop



Áquila Bruno Miranda
Verônica Mendes Pereira
(Organizadoras)

Educação, diásporas e memórias: confluências a partir dos Tehêys de Pescaria do conhecimento de Dona Liça Pataxoop

**Áquila Bruno Miranda
Verônica Mendes Pereira
(Organizadoras)**

Mariana, 2022



FICHA TÉCNICA

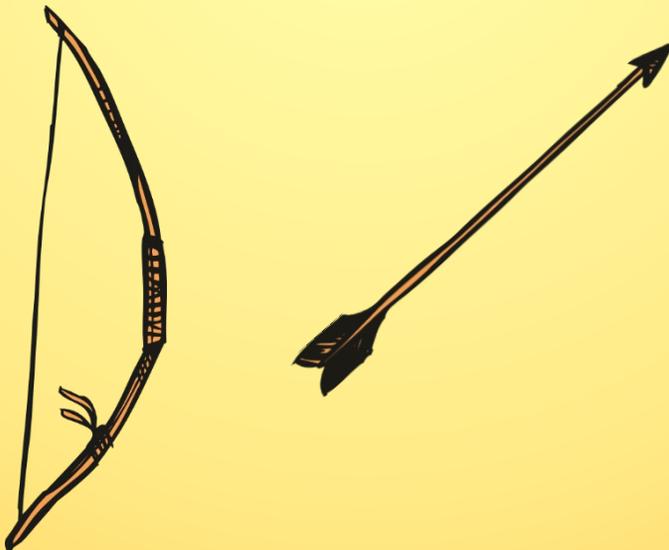
Desenho da capa: Dona Liça Pataxoop

Valor do Tehêy: Os lugares que aprende e ensina

Miranda, Áquila Bruno e Pereira, Verônica Mendes (org.)

Educação, diásporas e memórias: confluências a partir dos Tehêys de
Pescaria do conhecimento de Dona Liça Pataxoop. 2022

ISBN 978-85-92728-28-1



SUMÁRIO

Apresentação 4

Prefácio 5

PARTE 1: 7

Fragmentos do primeiro encontro: Rodas, prosas e histórias: As lutas e (re)existências do povo Pataxoop da Aldeia Indígena de Muã Mimatxi (Itapecirica-MG) em diálogo com a Escola Municipal de Bento Rodrigues (Mariana- MG).

PARTE 2: 14

Nossas vozes, memórias e aprendizados, a partir do Tehey de Pescaria do Conhecimento de Dona Liça Pataxoop.



APRESENTAÇÃO

O material aqui apresentado é parte do processo vivido no curso de extensão “A Experiência diaspórica das/dos professoras/es da Escola Estadual Indígena Pataxó Muã Mimatxi e da Escola Municipal de Bento Rodrigues”, desenvolvido por meio de uma parceria entre a Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Nas páginas que se seguem, o Tehêy de Pescaria do Conhecimento apresenta-se como um instrumento para a construção de confluências entre estudantes de graduação, professoras/es da educação básica e do ensino superior, inspiradas/os pelo trabalho de dona Liça Pataxoop. Nessas “escritas”, as/os autoras/es, mobilizadas/os pelos deslocamentos forçados, vividos pela população negra e indígena, fazem dos traços, das cores e das escreVivências um lugar de encontro e partilha.

A primeira parte do livro apresenta um diálogo entre duas educadoras: dona Liça Pataxoop e Eliene Geralda dos Santos Almeida. Em suas narrativas, elas nos comunicam as dores das suas experiências diáspóricas e, também, as possibilidades de sua superação, a partir da reinvenção dos novos territórios que são forjadas a ocupar. Nesse percurso, o chão da escola transforma-se em lugar importante para essa reinvenção. Lugar em que elas insistem em desenhar caminhos de (re)existências! Na segunda parte do livro, provocadas/os pelos ensinamentos de dona Liça Pataxoop e Saniwe Pataxoop, as/os participantes do curso subvertem os silenciamentos produzidos pela colonialidade, fazendo da escrita do Tehêy um ato para registrar e reescrever as histórias, cenas e os sons, pensados pela/com a margem.

Convidamos você, leitora/leitor, para construir parcerias e cumplicidade subversiva no enfrentamento das desigualdades e na celebração das nossas vidas!

Sejam bem-vindas/os!

Áquila Bruno Miranda e Verônica Mendes Pereira



PREFÁCIO

A Experiência diaspórica das/dos professoras/es da Escola Estadual Indígena Pataxó Muã Mimatxi e da Escola Municipal de Bento Rodrigues, este projeto tem como finalidade o intercâmbio entre a escola da aldeia Indígena Pataxó Muã Mimatxi e a Escola de Bento Rodrigues, do município de Mariana, em relação a terra, de como a terra tem a sua importância na vida das pessoas que vivem e compartilham o lugar de vida.

Para nós Pataxoop de Muã Mimatxi o nosso conhecimento vem de tudo na vida, somos uma parte que sempre está conectada com a terra. A terra é sagrada para nós Pataxoop, pois a gente aprende que é na terra que buscamos nosso ensino e aprendizagem. Desde pequeno aprendemos a afinar o olhar para conhecer o que faz parte da nossa vida, são valores que a gente aprende com a terra na vida do dia a dia, são ensinamentos que a terra ensina sem cobrar nada, ela nos acompanha e faz com que a gente siga aprendendo estes valores para a vida.

Em Muã Mimatxi temos uma pedagogia que é com o Tehêy, antigamente nós usávamos o tehêy para teheyar nos rios e lagos para pegar peixe, e hoje o chamamos de Tehêy de pescaria do conhecimento ele é uma arte escrita através das imagens, no qual a professora D. Liça Pataxoop usa as imagens para aplicar suas aulas na escola. Nas imagens ela traz valores que aprendeu em sua vivência, como ela mesmo relata que a terra foi sua escola e sua Universidade.

A minha experiência com o Tehêy é muito importante, pois a gente desde pequeno aprendemos a olhar, observar e conhecer o nosso espaço de vida. O nosso olhar pesca as imagens na natureza, e assim a gente faz da imagem da natureza a imagem escrita no Tehêy, para mim é muito importante saber conhecer e aprender com o Tehêy de pescaria de conhecimento. Aprendemos muito com a terra, ela ensina a cuidar, a ajudar, ser coletivo e conhecer os valores para a vida, essa é a mensagem que o Tehêy traz para nós Pataxoop de que temos que ter o olhar afinado para viver lado a lado com a terra.

Saniwe Pataxoop



Valor do Tehêy de Saniwê: Vivência e irmandade com a terra.



PARTE 1



**Fragmentos do primeiro encontro: Rodas, prosas e histórias:
As lutas e (re)existências do povo Pataxoop da Aldeia Indígena de
Muã Mimatxi (Itapecirica-MG) em diálogo com a Escola Municipal
de Bento Rodrigues (Mariana- MG).**





Áquila: Gostaria de dar as boas-vindas para Dona Liça, Saniwe e Eliene! É uma honra estar com vocês e nessa parceria!

Verônica: Bom dia! Também quero dar as boas-vindas para esse grupo que topou estar aqui!

Áquila: Queria destacar a presença de Ana Maria, da escola de Paracatu de Baixo, que também vivenciou esse deslocamento forçado do território dela. Seja bem vinda!

Dona Liça: Bom dia! Boa tarde! Boa noite! A todas e todos! Agradeço pelo convite dessa pescaria de fala de conhecimento! O meu Tehêy que é uma pedagogia, que a gente aprende e ensina aqui em Muã Mimatxi. E como eu sempre falo, pra quem não me conhece: o meu estudo e o meu ensino vem da terra. É um Tehêy que está escrito o meu conhecimento, o conhecimento do meu povo, o conhecimento da minha cultura, o conhecimento da mãe Terra e da irmã natureza!

Dona Liça mostra um Tehêy de pescaria, e fala: E o Tehêy de pescaria é esse, que tem o Tehêy de pescaria das mulher pescar no rio que é o material de pescar no rio! Esse é o material de pescaria de conhecimento, né? Que traz dentro dos valores da vida, né? Então isso é muito importante pra gente tá dentro do ensino, é, de todos os seres né, da natureza, entre gente, é, os pássaros, animais, as criaturinhas, né, que são as pequenas coisinha da terra, que tudo faz sentido pra nossa vida e de vida, né?... Agradeço né, assim também, por nois chegarmos aqui e moramo debaixo da lona, é... a terra era doente e hoje, ela já tá mais, é, fortalecida.... Então assim, o meu ensino mais é voltado né, pra esse ensino de vida, pelos valores da vida, porque ensino, é da alegria do viver em uso, do território. Que eu sou uma pessoa que eu num sei ler, num sei escrever, né? Então a minha escrita é o Tehêy. As minhas crianças, (Dona Liça mostra o Tehêy) eu começo aqui com elas, perguntando, no olho delas, o que que elas pesca aqui.

Saniwe: Isso que ela falou é bem interessante mesmo quando as criança tão com ela na sala que eu também acompanho, essa questão, ela chega falando desse jeito mesmo, mostrando o Tehêy, o que a criança pesca naquilo e dentro disso a criança vai falando que vê um animal, vê as pessoa, vê uma folhinha no chão...



Dona Liça: Sim, aí a folha branca, branquinha, aí começa a fazer o que eles pescou, aqui no Tehêy que eles pesca, mas lá no pensamento deles, as veizi eles tão com outra pescaria, eles faz uma mãe conzinhanu, ele faz é, a irmã dele varrendo casa, ele faz o cachorrinho dele, tudo as criança apresenta né?... O meu lugar é onde aprendo vendo a liberdade do dia, das plantas, dos animais, das crianças e é muito importante.... Tem gente que fala que a natureza que mata os povos, que a chuva. Então nós não podemos botar a culpa em cima de natureza, né. Nós temos que botar em cima de nós mesmos, de gente, né... A minha escrita é a escrita das imagem, do sagrado mesmo.

Eliene: Aprendi muito nesses minutos de fala, fica até difícil de falar depois de te ouvir... São histórias parecidas, mas ao mesmo tempo diferentes, mas gostei muito de te ouvir, muito mesmo. Eu já tava até ansiosa pra este encontro, quando foi apresentado o projeto eu pensei assim: eu preciso ouvir muito alguém que tenha passado por algo semelhante ao da escola de Bento, da comunidade de Bento, pra poder lidar com essa situação de mudança de território, de trabalhar as emoções, do resgate de cultura. Depois, trabalhar o pertencimento do novo, enfim, este desafio aí. Mas a nossa história é um pouco diferente da sua. Pelo que eu percebi, não sei se é isso mesmo, mas eu percebi que vocês vieram de uma forma diferente que nós viemos, porque vocês vieram com o coração bem aberto pra esse novo, esse recomeço em outro território, e eu vejo que comparando a gente não veio assim tão aberto. Isso tá sendo construído ao longo do tempo, inclusive a escola faz um projeto que chama *Bento: passado, presente e futuro* que também vai de encontro com esse objetivo de se abrir para o novo, de não ficar só preso no que aconteceu, na tragédia em si (...) Vocês trouxeram as plantas, prepararam o terreno, sabiam que aqui tinha boa parte né? Aqui em Minas tinha um pouco dos que vocês viviam lá no território lá na Bahia. Mas, eu acredito né, que todo dia é dia de refletir, de fazer uma auto avaliação, é... de resignificar, de abrir fronteiras para o aprendizado. E aí, a escola de Bento, é uma escola assim que eu sou suspeita de falar, sou apaixonada pela escola, eu já estudei nessa escola, então eu gosto da escola de Bento, e a escola tem um papel muito importante dentro dessa comunidade, de uma responsabilidade muito grande, porque nós estamos lidando com crianças e adolescentes que farão a nova história desse novo Bento que tá sendo construído, e muita coisa mudou ao longo desse período né? As pessoas mudaram... Então, assim, é muito gostoso de ouvir, a nossa história nem se compara com a



sua na grandeza do que vocês passaram, do que vocês tão vivendo, desse olhar que você tem em relação à natureza, aquilo que ela proporciona, o nosso vai muito de encontro ao materialismo né? É a reconstrução de casas, e não o papel da escola, a escola tem um outro papel, nós, enquanto escola, a gente tenta resgatar a cultura, as memórias afetivas, mas em contrapartida toda reparação de tudo que aconteceu é voltada para o materialismo, então existe muito essa diferença, né? Entre essas duas histórias. E eu, nossa, tô muito feliz de tá participando, mas eu quero ficar muito como ouvinte mesmo, porque eu preciso aprender muito apesar de tá na escola desde o início né? Desde quando tudo aconteceu já trabalhava na escola, na direção antes mesmo do rompimento da barragem.

Dona Liça: Obrigada, nossa terra quando nós chegou aqui, ela era só lixo através do branco né?... a terra tava toda desidratada, toda anêmica, que a terra é igual nós... tem gente que fala assim cê é baiana? Cê é lá da Bahia? Eu falo assim, não, não sou, sou indígena, eu não sou baiana, não sou mineira, eu sou indígena. Então, mais por essa forma aí nós também chegou numa terra que já tinha passado o homem branco né?... E aí a gente viu que ela tava um pouco bem fraca, um pouco não muito, o que tinha muito era lixo, pneu... e a primeira coisa que nós fez, mesmo que nós veio pra debaixo da lona, não tinha casa não, só tinha terra, nós chegou debaixo de chuva e fomo arrumando tudo e aí, nós foi conseguindo primeiro cuidar dela, aí nós trouxemos algumas plantinha que nós pode trazer e fomo arrumando mais e não tinha semente pra artesanato... é... não tinha fruta pra mim comer, cana pra mim chupar e aí eu fui cuidando logo de caçar essas coisas e fui jogando na terra. Hoje, eu já colo meu artesanato aqui mesmo... e eu vi que hoje nós e os tucano, as jacu que é animal de mata atlântica, pássaro, elas come aqui em cima da casa e aí a gente foi pensando nas crianças, nós não vamo mexer em nada, nós não vamo machucar o que tem, nós vamo mais preservar... Então eu vejo assim, sua história, com a história que cês tinha lugar, uma história que foi atacada pela mão do homem... isso aí que eu tô falando, porque às vezes a escola, a universidade forma faz as pessoas a sabê lê, a sabê escrever, se forma pra alguma coisa mais não tem a mente da mãe terra, o que que pode prejudicar gente natureza, então foi uma forma que aconteceu pela barragem...e... às vezes eles faz multidão de sofrimento na vida né? Éeee... de gente né? Que é isso que acontece entre as criatura, as criatura gente e as criatura da natureza né? Então, éeee... o que fez a escola Bento,



a comunidade Bento, eu não sei né, mas o que nós tão aí dentro desse projeto é pra fortalecer né? O espírito da terra, da onde o povo tá... é... fortalecer o espírito das crianças, alegrar essa vida, vitaminar ela, porque eu entendi a história agora... Foi pela mão do homem! A escorraçada, é igual a gente escorraçar em um fogo, fogo escorraça a gente, escorraça os animais, as plantas, as flores, as frutas, tudo, mata e é isso aí que a gente pensa... porque as criatura não mata o rio, não mata a terra, então quem mata são os estudiosos, os sábios que se forma. Cadê o antropólogo pra estudar, os engenheiro de ambiental né? Os ambientalista... então esses tem que tá dentro de Bento para dá esse fortalecimento e é gente, então vamo pega com os engenheiro, os ambientalista da própria natureza pra fortalecer esse encontro, esse projeto de vida é... esse povo né? Como a gente fala assim... que só que comê a natureza né? Só quer comer a natureza, então... quer matar a natureza. A natureza como nós fala tá ligada a todo mundo, gente, éeee o sagrado, éeee natureza, todos nós e é muito importante nós, homem, mulher, criança, jovem, vamo viver a alegria de vida né? Do nosso mundo, da nossa terra, do nosso lugar eeee... é lindo a gente vê que um canto dum pássaro comeno uma fruta, um canto dum pássaro andando na terra é bonito e hoje é que eu recebo! Mesmo assim que nem eu falei, eu fui nascida na beira da praia com outros instrumento de território, de onde tá, de outra vida, mais tá tudo dentro da minha cabeça e eu recebo tudo em Muã Mimatxi, então o meu lugar, assim de vida, eu fiz aqui, então, vai da mente da gente, é limpa pra entrar nosso mundo e fazer nossa terra pra gente recebe tudo que era... Então é... mais é o meu pensamento né? E esse projeto nós tão trazendo essa vida pra Bento, que veio desse lugar, lá de Mariana, da Barragem, do sofrimento da barragem, né? Da mão do homem! Da empresa né?

Eliene: Eu imagino o tanto que vocês tiveram que batalhar né? Pra tu arrumar aquele ambiente parecido com o que vocês tinham lá na Bahia né? Eu fiquei imaginando aqui, como que o nosso processo ele tá difícil, no sentido de que veio pra Mariana, era um distrito, um subdistrito de Mariana que foi atingido pelo rompimento da barragem, aí ele foi totalmente destruído e não tinha mais como conviver naquele lugar, então as famílias vieram morar em Mariana, né? Então saiu de um habitat onde a caracterização era toda de zona rural pra vim morar na cidade. Agora, Dona Liça, tá sendo construído, uma nova comunidade, as casas estão sendo construídas num terreno próximo do local onde aconteceu a tragédia,



porém totalmente descaracterizado, já não é mais zona rural, não será uma zona rural, é uma vila, e aí eu fiquei pensando muito nisso que a senhora tá falando aí né, sobre os animais, as pessoas e os cuidados com os animais domésticos, as plantas medicinais (...) tinham famílias que tinham plantas medicinais, a horta, então isso tudo é algo que talvez vai ser difícil de voltar a ser uma realidade para essas famílias, até mesmo pela forma com que está sendo construído esse novo distrito, não sendo levado nada disso em consideração e aí vem essa preocupação, né? Porque onde que tá o sentido né? Tudo precisa ter um sentido, como que a gente vai recomeçar, se aquilo que está sendo entregue não tem nenhum sentido pra gente né, não foi considerada nossa história, a nossa cultura, a nossa forma de viver, então assim, aí eu já fiquei mais preocupada ainda, porque eu to assim, gente, como que isso tudo é importante para essas famílias e nada disso tá sendo levado em consideração, sabe D. Liça?

D. Liça: Então eu não sei assim, mas é uma força, assim, que Muã Mimatxi, uma inspiração, tá dando né? Mas sei que não é fácil. A gente vamos dar essa força pra, de pensamento, de força mesmo, espiritual, para o nosso projeto ser serventivo, né? Mesmo que ele seja uma criaturinha, né, que tá aí dentro ajudando, mas assim, em fortalecimento dos valores, né? Quem sabe um dia né? Muã Mimatxi não ajuda vocês. Eu não sei, eu não conheço, mas assim, a gente vê na televisão... É muito assim sofrido mesmo né? A gente ama o lugar da gente, aonde nasceu, aonde cresceu, mas Muã Mimatxi que ajuda, né?

Eliene: Só de te ouvir eu já tô aprendendo tanto. Na sua fala aí de ver um novo sentido, né, para esse espaço... Eu acho assim, hoje como a gente ainda não habita lá, a gente não tá morando lá ainda, eu não vejo isso, mas indo para lá com esse coração aberto, igual a senhora veio pra Minas...

D. Liça: Isso! Recebe ele com carinho, com bem força mesmo assim que tudo vai pra lá.

Eliene: Com certeza, vai sim!

D. Liça: É, tudo que tava em Mariana, no seu território lá vai voltar pra lá porque foi assim que Muã Mimatxi.

Eliene: Nós vamos recuperar nosso modo de vida, né! Que delícia te ouvir! Pode ter certeza que contribuiu muito, porque assim, Bento vai voltar a ser. Nós vamos



recuperar o nosso modo de vida a partir do momento que a gente chegar lá de coração aberto e falar assim: esse é o meu território agora, ele precisa ficar do jeito que eu gosto, do jeito que me faz bem e aí recuperar esses modos de vida, apesar de tudo que aconteceu, recuperar de verdade para ir em busca dessa felicidade. Então, eu estou muito feliz com esse projeto, com essa sua experiência. Pode ter certeza que essa sua fala e a sua experiência já valeu demais pra mim, viu?

D. Liça: Deixa eu mostrar esse Tehêy aqui. Ele tá no livro. Quando nós chegou! Olha a nossa escola, a nossa aldeia. As crianças, foi quando nós chegou! Esse Tehêy aqui é: “Feliz com a construção de Muã Mimatxi”. Hoje, hoje tá assim (e mostra outro Tehêy, mais cheio com mais cores). Né? Tá diferente! Tem o nosso Posto de Saúde, a nossa escola. Batalhei nas reuniões...Tem as moradias, hoje tá tudo assim. Yãmixoop voltou, então eu tô feliz! Ela era assim, agora, tá assim! O nome dele, é: “A minha morada é onde eu me sinto bem”.

Eliene: Com certeza! Eu nem vi a hora passar, viu D. Liça? Foi muito bom!



PARTE 2

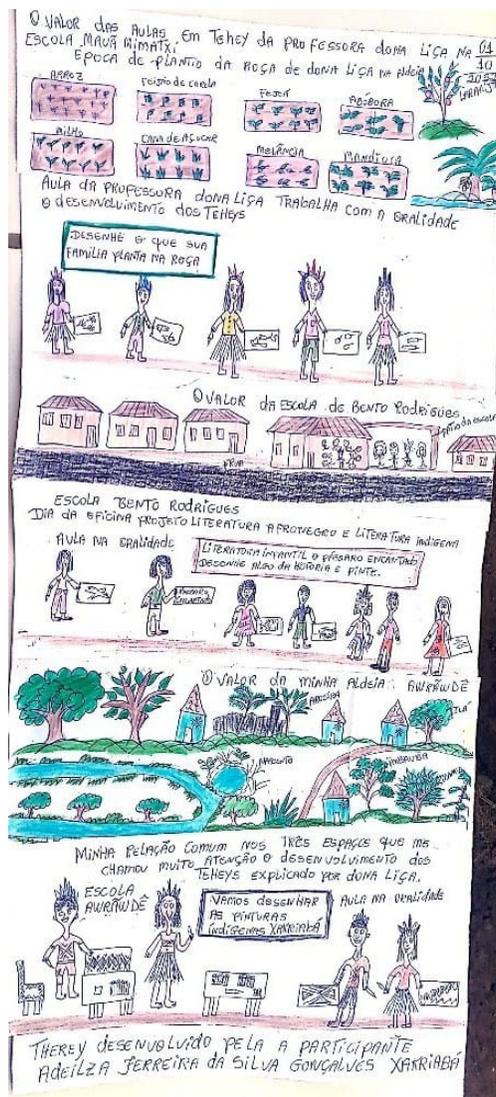


**Nossas vozes, memórias e aprendizados, a partir do Tehey de
Pescaria do Conhecimento de Dona Liça Pataxoop**



Valor do Tehêy: Inclusão

Adeilza Ferreira da Silva Gonçalves Xacriabá





Participo do projeto de pesquisa e extensão, desenvolvido na Escola Municipal de Bento Rodrigues e no mês de setembro, tive o privilégio de participar de uma oficina pessoalmente na escola, com os alunos da educação infantil, onde desenvolvemos uma literatura indígena, “O pássaro encantado”, da autora Eliane Potiguara.

Com esse projeto as crianças estão tendo conhecimento rico, porque os povos originários existem de verdade, somos nós mesmos contando nossa própria história vivida e não a história de antigamente que os colonizadores contam.

Agora, no momento, também tenho a honra de participar do curso extensão da Escola Mauã Mimatxi, do povo Pataxoop, sobre como construir um Tehêy com uma professora maravilhosa: dona Liça!



Valor do Tehêy: Aprendizagem

Adelina Malvina Barbosa Nunes





Crescemos no encontro com cada ser, humano ou não, quando estamos disponíveis pra isso. A pesquisa é esse eterno processo de se deixar afetar, seja pelos sujeitos, pelo campo, por pesquisas que nos antecedem, ou por nossa subjetividade, quem somos, as experiências que tivemos. Uma relação de troca, ainda que escape a dimensão dos significados, alcançamos objetivos, e deixamos algo de nós, semeamos alguns saberes e colhemos aquilo que conseguimos apreender do que os sujeitos nos querem entregar.



Valor do Tehêy: Memórias e estratégias coletivas para o Bem Viver

Áquila Bruno Miranda





O curso ministrado por dona Liça Pataxoop forjou caminhos para o encontro com as nossas memórias ancestrais e para pensarmos resistências coletivas! Os desafios vivenciados pela comunidade de Bento Rodrigues e Paracatu de Baixo nos despertam dores e marcas, que insistem em se atualizar nos violentos mecanismos da colonialidade. Nesse encontro, o meu Tehêy faz um movimento ainda tímido, mas corajoso, de pescar rotas de fugas que anunciam estratégias de acolhimento e denuncia o racismo ambiental que marcou/marca o meu corpo, as minhas comunidades e as/os companheiras/os de Muã Mimatxi, de Bento Rodrigues e de Paracatu de Baixo.



Valor do Tehêy: A urgência do (re)conhecimento de si e das outras pessoas, da nossa e das outras histórias

Cristina Sacramento





Este valor destaca as narrativas hegemônicas que, historicamente, buscaram silenciar e distorcer a história da população negra e dos povos originários. A escola foi, por muito tempo, e, em alguns casos, ainda tem sido a porta de entrada para uma única narrativa que classifica e hierarquiza esses grupos, inviabilizando a construção de uma identidade positiva e o respeito à diversidade étnico-racial. Este Tehêy indica a urgência de se pensar caminhos onde possamos aprender sobre nós e os outros, tanto nos livros quanto com aquelas e aqueles que vieram antes de nós.



Valor do Tehêy: Empoderamento racial da população negra e o início de um contato emocional com povos indígenas

Maria Eduarda Câmara





No meu Tehêy, busquei relatar uma observação que fiz na escola de Bento, na qual trabalhamos com o livro “O mundo no Black Power de Tayó”. Nesse livro a protagonista é negra e têm um lindo Black Power, e algumas meninas se sentiram representadas. Além disso no Tehêy temos alguns maracás, e um cocar que simbolizam o desenvolvimento do meu contato emocional e cultural, com povos originários. Com o projeto de Bento e de Muã Mimatxi, fui me relacionando sentimentalmente com alguns povos originários, o que tem sido muito importante para a minha trajetória.



Valor do Tehê: A casa e as inúmeras formas de construir e reconstruir este espaço

Leliane Faustino



Nasci e fui criada por 20 anos na cidade de Belo Horizonte, no mesmo local em que minha mãe e meus tios e tias foram criadas. Que meus avós com muito custo construíram. Neste sentido, meu Tehêy começa por lá. BH está representada pelos prédios, pelas casas mais simples que compunham meu bairro, pelos ônibus que eu pegava constantemente e pelos papagaios no céu. Em seguida, meu Tehêy percorre os livros que são minha casa fixa, onde eu sempre me encontrei e quis morar. Os óculos são recursos para ler melhor. O curso e o encontro com as professoras D. Liça e Eliene e com o professor Saniwe, assim como o contato com as escolas, se apresentou como oportunidade de aprendizagem, de compreender outras formas possíveis e legítimas de leitura e escrita. Por fim, repousei em Ouro Preto, cidade em que eu moro atualmente com o gato Zezé. O azul escuro é a moldura do quadro e cobre de noite a paisagem imaginada.



Valor do Tehêy: Conhecimento

Maila Ambrósio





O meu Tehey foi desenhado a partir do valor do conhecimento. Durante o primeiro encontro, a Escola mostrou ter um papel muito relevante entre duas culturas tão distintas, mas que possuem o valor do conhecimento muito forte. As falas de Dona Liça Pataxoop e Eliana, sobre a importância do conhecimento me tocaram de uma forma tão carinhosa que me fizeram lembrar da minha antiga escola, dos amigos, da importância de sempre estar aberta para escutar sobre novas formas de ensino e, principalmente, me mostrou como o conhecimento pode ser uma arma muito importante para a transmissão e demonstração de valores de cada cultura e suas determinadas singularidades. Por isso, decidi desenhar a árvore do conhecimento.



Valor do Tehêy: A saudade da família, de casa, da comida e do ambiente materno

Elves Barbosa



Meu Tehey explora a saudade. A saudade da família, de casa, da comida e do ambiente materno. Eu desenhei a roça lá de casa na Bahia, a roça onde meus avós trabalharam a vida inteira, a roça em que cresci, brinquei e vivi. Eu lembrei de lá quando escutei Dona Liça falar sobre seu deslocamento e quando ouvi às crianças rememorarem da antiga Bento Rodrigues. Lá onde cresceram, brincaram e viveram. Dói bastante, pois é visível o interrompimento brusco que a tragédia ocorrida causou às lembranças, mas aí à importância de ressignificação. Eu consegui minha infância, por isso tenho saudade, por isso tenho para onde voltar. Minha diáspora não foi catalisada por uma tragédia imediata, mas meu povo sempre foi deslocado violentamente, então eu sei o que é ter que mudar. E eu mudei, mudei para buscar minha cura e voltar para casa, lá na roça com meus avós.



Valor do Tehêy: Trajetórias e motivos para persistir.

Mariana Gonçalves



Assim como foi compartilhado durante os encontros do curso pela Dona Liça e pela escola de Bento, tentei representar no meu Tehêy algumas trajetórias que já trilhei, tenho trilhado e planejo trilhar. Tentei representar esses caminhos ao longo do Rio Jequitinhonha, território onde cresci e construí grande parte da minha identidade. Inicialmente tem a casa dos meus pais e dos meus avós, com as árvores e os animais. Seguindo a trajetória do rio, chegamos em Belo Horizonte, que é onde moro atualmente, e representei a psicologia e um pouco dos movimentos que eu defendo. Depois voltamos para Araçuaí, pois mesmo não voltando fisicamente para lá, é onde meu coração sempre estará e onde estão minhas razões para continuar lutando pelo que eu acredito.



Valor do Tehê: Encontros

Verônica Mendes Pereira



Um arcanjo peruano, protetor das florestas, tem uma espada apontada para o seu coração. Mas o seu coração está protegido. Ela está toda protegida. Ela tem o cocar usado por Célia Xakriabá, flores de Áfricas, decalques da infância, imagens da última viagem onde estiveram avó, mãe e filho. Uma palmeira brasileira, asas, flores e a certeza de que, como dizem os Zapatistas, "sin mujer no hay revolución". Um viva às companheiras deste encontro, cujos nomes têm as iniciais em A, C, E, K, L, M, R, S, T e V.



Valor: Busca do conhecimento e sabedoria para trilhar os novos caminhos

Kate Alves Filgueiras





O Tehêy representado, reflete a minha caminhada na busca do conhecimento e a sabedoria para trilhar os novos caminhos, é o de onde viemos para onde vamos chegar, o que dialoga bastante com os povos de Muã Mimatxi e da Escola de Bento em relação a refazer a própria vida e se adaptar aos locais, mesmo que em muitos momentos se encontre percalços no caminho. Como a Dona Liça fala “Onde você tá, o lugar que você tá, é a sua morada e você tem que fazer dele a sua morada”, então, esse conhecimento, você vai adquirindo ao longo da vida, e te proporciona uma direção para que sua trajetória possa ser feita da melhor forma para você e para os que estão à sua volta. E esse Tehêy significa que a busca do conhecimento, o “pescar” conhecimento, não pode parar, pois o conhecimento está relacionado à vivência de cada um e a trajetória que as pessoas vão desenvolvendo ao longo desse percurso.



Valor do Tehêy: O tempo das águas no corpo casa/território

Thaís Fernandez





O encontro com o tempo das águas na Aldeia Muã Mimatxi, encantado por Dona Liça Pataxoop, me conecta com as transformações do meu corpo casa/território, em uma recente vida familiar e também comunitária na roça. As águas que estão no meu corpo, como portal de vida da mãe terra, são as mesmas águas que possibilitam a expansão da vida na terra. A grande árvore, que é criatura, espiritualidade e ancestralidade, que nos trouxe, nos nutre e protege, também cicla no ritmo das águas. É tempo de criar, crescer, florescer, celebrar. Nós, os pássaros, as árvores, a terra. E esse corpo casa/território/coletivo, não é mais o mesmo. Não é mais o mesmo corpo educador. Agora transformado pelo e para o ensino da vida.





UFOP

Universidade Federal
de Ouro Preto

UFMG

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MINAS GERAIS

PROEX
Pró-Reitoria de
Extensão e Cultura



UFOP

Universidade Federal
de Ouro Preto

